



# PAI: DIMENSÕES DE UMA PERSONAGEM LITERÁRIA

---

FATHER: DIMENSIONS OF A LITERARY CHARACTER

Dionei Mathias<sup>1</sup>

*Universidade Federal de Santa Maria*

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo discutir dimensões da figura paterna como personagem literária. A primeira parte do artigo volta sua atenção para a problematização teórica, especialmente no que concerne ao complexo de Édipo, buscando identificar instrumentos que possam auxiliar na análise do pai como personagem literária. Na sequência, o artigo ilustra seu potencial analítico para os estudos literários, discutindo o romance *Jacob beschließt zu lieben* de Catalin Dorian Florescu. A análise está dividida em três seções: a castração afetiva, identitária e existencial. Em todas as três esferas, o protagonista oscila entre anseio de união e receio face à ameaça de castração. Para a análise literária, revela-se especialmente interessante identificar os posicionamentos de personagens frente a esse conflito e as estratégias acionais adotadas para seu processamento.

Palavras-Chave: Pai; Personagem literária; Teoria psicanalítica; *Jacob beschließt zu lieben*; Catalin Dorian Florescu.

**Abstract:** This article aims to discuss dimensions of the father figure as a literary character. The first part of the article turns its attention to the theoretical problematization, especially with regard to the Oedipus complex, seeking to identify instruments that can help in the analysis of the father as a literary

---

<sup>1</sup> dioneimathias@gmail.com

---

*character. In the following sections, the article illustrates its analytical potential for literary studies, discussing Catalin Dorian Florescu's novel Jacob beschließt zu lieben. The analysis is divided into three sections: affective, identity and existential castration. In all three spheres, the protagonist oscillates between yearning for union and castration anxiety. For literary analysis, it is especially interesting to identify the positions of characters with regard to this conflict and the action strategies adopted for its processing.*

*Keywords: Father; Literary character; Psychoanalytic theory; Jacob beschließt zu lieben; Catalin Dorian Florescu.*

## INTRODUÇÃO

Uma parte substancial de textos literários encena interações humanas, em que o conflito tende a representar o motor para a dinâmica do enredo. Desse conflito emergem negociações que definem o direcionamento do sentido. O foco do conflito, com alguma frequência, remete a formas de compreensão da realidade, modalidades de imaginação do si, projetos de futuro, ideações do corpo, dinâmicas afetivas, dentre outros. Para a representação ficcional desses conflitos, com seus mais diversos enfeixamentos de sentido, personagens transitam em diferentes agrupamentos ou formatações sociais, desbravando espaços e identificando posicionamentos. Nesse horizonte, a encenação ficcional do círculo familiar tem um lugar de destaque. A família não é somente o lugar da primeira socialização, é também o círculo, em que o sujeito interage (ou não) com duas personagens-chave: as figuras paterna e materna. Essa configuração primordial da socialização tem um impacto substancial no modo como indivíduos aprendem a administrar os sentidos que fundamentam sua existência.

A literatura se nutre dessas dimensões da condição humana e oferece problematizações a partir da experiência estética. A encenação de núcleos familiares, obviamente, não é onipresente na literatura, mas em todos os períodos literários há exemplos de como sua exposição serviu de ponto de partida para questionar formas de ser no mundo. Dessa perspectiva, este artigo

---

se volta para a figura paterna e algumas de suas dimensões como personagem literária, tendo como arcabouço teórico o pensamento psicanalítico. A literatura nos ensina que é problemático propor definições absolutas, monolíticas, intransigentes. Na verdade, todo sentido sempre sofre desestabilizações na medida que circula em novos contextos. Isso vale especialmente também para a definição da figura paterna. Não parece ser possível oferecer um conceito da figura paterna que valha para todas as situações possíveis. Muito mais produtivo parece ser a identificação de algumas dimensões dessa personagem literária e participar de uma discussão cujo esforço não é tanto definir, mas muito mais problematizar.

Dois romances brasileiros contemporâneos, extremamente impactantes no que concerne ao relacionamento pai e filho, ilustram a impossibilidade da generalização: *O filho eterno* de Cristóvão Tezza (2007) e *Pai, pai* de João Silvério Trevisan (2017). O romance de Trevisan encena, de forma aterradora, o princípio da rivalidade, em suas múltiplas formatações, ilustrando as dimensões traumáticas na personagem do filho. O romance de Tezza, por sua vez, parece representar justamente o contrário, isto é, a ausência completa da rivalidade, desencadeando uma crise na própria figura paterna. Os dois textos ilustram a necessidade de diferenciar e contextualizar. Nesse sentido, os instrumentos de análise dos quais se utilizam os estudos literários apresentam um elemento provisório, a ser resolvido diante dos desafios que cada novo texto literário apresenta aos leitores.

Com isso em mente, o artigo apresenta, num primeiro momento, uma discussão teórica em volta da figura paterna, recuperando contribuições oriundas da teoria psicanalítica. Na sequência, identifica três momentos-chave na intersecção entre pai-filho: a castração afetiva, identitária e existencial. Para ilustrar a argumentação, o artigo oferece uma análise do romance *Jacob beschließt zu lieben* de Catalin Dorian Florescu (2011). O romance, escrito em alemão, tem

---

como personagens imigrantes de origem alemã, na Romênia, encenando as experiências existenciais de várias gerações. No presente diegético, ambientado no período entre o envolvimento dos imigrantes alemães com o regime nazista e a ascensão do regime socialista na Romênia, a problematização do relacionamento entre pai e filho representa um elemento central, contrapondo as experiências de Jakob, pai, e Jacob, filho.

## 1 A FIGURA DO PAI NA TEORIA PSICANALÍTICA: ALGUMAS DIMENSÕES

É bem sabido que os escritos de Freud entre o final do século XIX e o início do século XX revolucionaram o conhecimento sobre a compreensão da condição humana. Isso vale especialmente para o lugar do pai no universo infantil e seu desenvolvimento. Nem tudo que Freud escreveu permaneceu incontestado, mas muitos de seus conceitos ainda impulsionam as discussões em torno da função paterna. Central, nesse contexto, é o complexo de Édipo, que Loewald (1985) condensa da seguinte forma:

O complexo de Édipo é uma construção em termos da e no que diz respeito especificamente à emergência e consolidação das relações objetais. Como uso o termo aqui, as relações objetais não existem desde o início da vida psíquica, mas passam a existir à medida que a diferenciação sujeito-objeto prossegue e que se pode começar a falar de um sujeito, a criança, relacionando-se com pessoas da família que ela vivencia como objetos libidinais, isto é, como significativamente distintos e separados dela, mas vitalmente necessários, desejados e conectados a ela ou dolorosamente desconectados (LOEWALD, 1985, p. 436)<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> “The oedipus complex is a construct in terms of, and with specific regard to, the emergence and consolidation of object relations. As I use the term here, object relations do not exist from the beginning of psychic life but come into being as subject-object differentiation proceeds and one can start to speak of a subject, the child, relating to persons in the family whom he experiences as libidinal objects, that is, as significantly distinct and separate from him yet vitally needed, desired, and connected with him or painfully disconnected” (LOEWALD, 1985, p. 436).

---

A discussão de Loewald contém duas informações-chave para este contexto. A primeira diz respeito à instauração de relações objetais no início da vida psíquica. Nesse percurso, a gênese da subjetividade está relacionada ao modo como a criança aprende a criar laços e canalizar sua atenção em direção a um outro ser. O segundo elemento remete ao fato de que os objetos, alvos da atenção, apresentam um nexos libidinal. A gênese do sujeito, portanto, está diretamente ligada aos primórdios da sexualidade e, sobretudo, às estratégias individuais da canalização de energias. Ao longo dessa primeira fase existencial, o sujeito constrói os fundamentos que definem, primeiro, como vai administrar suas relações interpessoais, segundo, o modo como vai canalizar suas energias.

As experiências iniciais, incluindo aquelas que emergem com base no complexo de Édipo, parecem estabelecer um crivo por meio do qual o sujeito se apropria da realidade. Esse crivo caracteriza a realidade individual e configura como se dirige ao mundo, escolhendo objetos de sua atenção, investindo em relações e canalizando suas energias libidinais. Esse modelo de acesso ao mundo não permanece intocado diante das impressões posteriores, mas tende a ser repetido como princípio-chave no processo de apropriação de realidade.

Na gênese da individualidade, a relação com a figura paterna tem um papel central, pois confronta a criança com a necessidade de esclarecer seu posicionamento na dinâmica de canalização de energias. Assim, após a fase de união primordial com a figura materna, surge o pai no horizonte da consciência, de modo que a criança precisa esclarecer seu novo lugar no tabuleiro dos afetos:

Os desejos e fantasias característicos do complexo de Édipo emergem durante a fase fálica e revelam uma dupla orientação, derivada de nossa bissexualidade inata. Assim, o menino quer tomar o lugar do pai como objeto de amor da mãe (complexo de Édipo positivo ou ativo), ou quer

---

substituir a mãe como objeto dos desejos do pai (complexo de Édipo negativo ou passivo) (HARTKE, 2016, p. 897)<sup>3</sup>.

Desse conflito que a criança precisa resolver, o pai se apresenta como figura ambígua. Por um lado, ele assume um papel de rival que ameaça o monopólio do amor materno, impedindo que o filho tenha acesso irrestrito ao prazer primordial (potencial de castração). Ao mesmo tempo, ele representa um foco de atração como fonte alternativa de prazer, mais tarde, podendo se transformar em potencial de identificação. O modo como cada indivíduo resolve esse conflito primordial pavimenta o caminho para relações futuras. Ele também instala um pêndulo na dinâmica de acesso ao mundo, especialmente na definição do objeto de atenção e da canalização das energias libidinais: a busca pela união primordial e a identificação de rivalidade, com seus potenciais de castração.

Esse acontecimento intenso nos primórdios da gênese subjetiva passa por um processo de repressão, expulsando da consciência a extensão de seus significados práticos para a concretização existencial. Segundo Bergmann (2010):

O complexo de Édipo tinha o status de uma fantasia infantil que sofreu repressão. Embora não o tenha declarado explicitamente, Freud sugere que o complexo de Édipo já foi, na infância, uma fantasia consciente que foi reprimida durante os anos de latência, mas permaneceu suficientemente intacta no inconsciente para que possamos falar dele como uma fantasia inconsciente (BERGMANN, 2010, p. 536)<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> “The wishes and fantasies characteristic of the Oedipus complex emerge during the phallic phase and betray a double orientation derived from our innate bisexuality. Thus the boy child wants to take the father’s place as the mother’s love object (positive or active Oedipus complex), or it wants to stand in for the mother as the object of the father’s desires (negative or passive Oedipus complex)” (HARTKE, 2016, p. 897).

<sup>4</sup> “The Oedipus complex had the status of an infantile fantasy that underwent repression. Although he did not state it explicitly, Freud implies that the Oedipus complex was once, in infancy, a conscious fantasy that was repressed during the latency years, but remained sufficiently intact in the unconscious that we can speak of it as an unconscious fantasy” (BERGMANN, 2010, p. 536).

---

As experiências em volta do complexo de Édipo, portanto, produzem um conjunto de sentidos que se impregnam profundamente na estrutura do indivíduo, atuando e impactando implicitamente sobre ações, comportamentos ou percepções ao longo da existência. Reprimir sabidamente não é elidir. Não é por acaso que o sujeito precisa ativar uma série de mecanismos psíquicos para que determinados conteúdos não se tornem conscientes e ativos em sua visão do si. Apesar desse intenso investimento de energia na repressão de determinados sentidos, eles não desaparecem. Pelo contrário, de um ou de outro modo eles se manifestam e voltam à superfície, fazendo com que o conflito originário colore o presente individual. Seu retorno, no entanto, não é explícito ou direto. Aquilo que consegue passar pela fronteira dos mecanismos de repressão se manifesta de modo criptografado, exigindo um olhar atento para seu reconhecimento e sua decodificação. Nesse sentido, a figura paterna conscientemente visualizada é sempre uma imagem que não revela explicitamente sua totalidade, contendo traços superficialmente ininteligíveis que remetem aos primórdios da gênese do si.

Um elemento central nesse bojo é o princípio da castração. A castração parece representar a estratégia que impede o acesso ao prazer primordial. A função paterna entraria como figura que questiona esse acesso, negando a versão do si do infante e impondo outras narrativas, isto é, outras versões da realidade, não previstas no universo individual da criança. Essa ameaça se assoma no horizonte individual, como eterno retorno, toda vez que o sujeito se encontra em busca do prazer. De certa forma, o esforço de acesso às fontes do prazer precisa sempre antecipar a ameaça da castração. O modo como cada um processa a incerteza, que se revela em forma de medo, ansiedade, insegurança, vai depender, em grande medida, de como resolveu o conflito originário, no início de sua vida psíquica.

---

A busca pelo prazer atravessa a existência, impelindo o sujeito a recobrar a experiência primordial do útero, do seio materno, da união informe entre mãe e infante. Isto é, o indivíduo busca por experiências que recuperem sensações, ainda não atravessadas pela imagem do pai, ator que fratura a imagem primordial de união. O prazer seria o retorno à união primordial. Nisso, há um anseio por ser indivíduo e não sujeito. De forma traduzida, ele se manifesta em múltiplas formas, começando, claro, pelo gozo erótico, mas estendendo-se igualmente a outras manifestações como a concessão de atenção, o acolhimento do corpo nas interações, a confirmação do si nas negociações sociais. A negação do prazer faz assomar a ansiedade experimentada pela ameaça de castração, quando da não atenção, do corpo rejeitado, do si rechaçado. Nessa leitura, o princípio paterno é aquele que pode ameaçar e impedir o acesso ao prazer. Esse princípio parece não se limitar ao pai em si, estendendo-se a todos aqueles que criam obstáculos ao acesso do prazer.

Ao lado da atenção, do corpo acolhido, da identidade confirmada, o pertencimento figura como um sucedâneo-chave do prazer primordial. A sensação de pertencimento reproduz a experiência originária, antes da incursão da voz paterna. Não é por acaso que uma grande parte do investimento da energia libidinal seja canalizada no sentido de obter pertencimento. Nações, culturas, subculturas, agrupamentos dependem, em grande medida, dessa canalização. O indivíduo depreende uma sensação de prazer, ao sentir-se acolhido em determinada formatação sociocultural e, em nome desse pertencimento, muitas vezes, está disposto a neutralizar seus mecanismos de diferenciação racional, para não enfraquecer a sensação prazerosa obtida pela afirmação do pertencimento. Não é infrequente na história da humanidade que esse anseio tenha sido instrumentalizado para fins de terceiros. Nesse horizonte, a figura paterna tem um papel ambíguo: por um lado ela figura como ameaça castradora do prazer depreendido do pertencimento (original e



---

sucedâneos), por outro lado, ela pode funcionar como questionamento que diferencia a realidade, fragilizando narrativas totalizantes.

Talvez seja possível afirmar que as interações humanas reencenam, a cada novo encontro com o outro, o conflito originário. Nisso, reemergem os dois princípios fundamentais o desejo de união, com sua promessa de prazer, e a expectativa de rivalidade, com suas ameaças de castração e questionamento. Cada nova interação vai revelar como os indivíduos envolvidos estão dispostos a resolver o conflito. Nisso, nem o anseio pelo prazer primordial nem a ameaça de castração se desvelam de forma direta, explícita, no uso denotativo da língua. Revelam-se muito mais de forma implícita, a partir das conotações, metáforas, analogias, quase sempre transpostas para um contexto que não remete diretamente ao conflito primordial. No horizonte das interações, a figura paterna permanece ambígua, pois ela pode representar uma ameaça de castração, mas também contém um potencial de obtenção de prazer. A direção do sentido vai ser definida a cada novo encontro, com base nas experiências individuais e nas estratégias adotadas para resolver o conflito.

Com base nessa discussão introdutória, a seção subsequente do artigo analisa o romance *Jacob beschließt zu lieben* de Catalin Dorian Florescu. Para isso, a atenção se volta para três vetores centrais da interação: a afetividade, a identidade e os projetos de futuro. Para a interação pai e filho deste romance, em específico, predomina o princípio da castração, com a voz paterna negando sistematicamente o acesso ao prazer ansiado pelo filho. Vale lembrar, contudo, que a castração não precisa ser o elemento caracterizador da figura paterna. São as estratégias e os condicionamentos individuais que vão diferenciar cada encontro e definir como o conflito será (ou não) resolvido.

## 2 CASTRAÇÕES AFETIVAS

---

Como metáfora, a imagem da castração permite construir importantes confluências semânticas, em que os semas de impedimento e frustração são transpostos para outros contextos. Nessa linha de argumentação, talvez seja possível entender a castração afetiva como frustração do anseio por canalizações de afetos positivos (respeito, solidariedade, carinho, amor, etc.). Na gênese do sujeito, o olhar primordial da figura materna tende a ser um olhar atencioso e perpassado de amor. Mais tarde, nas interações do cotidiano, há um esforço constante de reaver esse olhar primordial. Na aproximação ao outro, ao menos no primeiro contato e antes da concretização de frustrações, o indivíduo inconscientemente permanece desejoso de encontrar sedimentos dessa afetividade primordial. Cada nova interação vai definir se o encontro com o outro se insere na lógica materna desse olhar afetivo ou na lógica paterna do questionamento e da frustração de uma afetividade incondicional. Com isso, a ausência de respeito, solidariedade, carinho não remete mais ao olhar da mãe, mas sim ao olhar da função paterna, que fende a união e instala a rivalidade. A castração se revela por descaminhos.

Ao discutir as contribuições de Lacan para a Psicanálise, Hartke escreve:

Na segunda etapa, devido à intervenção do pai, a criança se depara com o que Lacan chama de castração simbólica. Isso significa que o pai (mais corretamente a função paterna) provoca uma separação, uma 'castração', quando essa função intervém na relação narcísica mãe-bebê. Para a criança isso conta como evidência de que ela não é tudo o que faltava na mãe. Da mesma forma, a mãe percebe que a criança não era tudo o que faltava em si mesma. Em outras palavras, nesse ponto o pai aparece como um disciplinador que frustra a criança no que diz respeito à sua identidade fálica (imaginária) e que priva a mãe de seu falo (HARTKE, 2016, p. 903)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> "In the second stage, owing to the father's intervention, the child comes face-to-face with what Lacan calls symbolic castration. This means that the father (more correctly the paternal function) brings about a severance, a 'castration', when this function intervenes in the narcissistic mother-baby relationship. For the child this counts as evidence that he/she is not everything that was missing in the mother. Likewise, the mother realizes that the child was not all that was lacking in herself. In other words, at this point the father appears as a disciplinarian who frustrates the child as far as his/ her (imaginary) phallic identity is concerned, and who deprives the mother of her phallus" (HARTKE, 2016, p. 903).

---

Nesse momento originário da subjetividade, ocorre, portanto, uma reconfiguração do processo de canalização das forças libidinais, das quais os afetos fazem parte. Sabidamente a energia libidinal não é gerenciada somente por meio do gozo erótico. Como a castração, ela também é transferida para outros contextos da concretização existencial, neste caso, especialmente aos afetos. Na reconfiguração libidinal de que trata a citação, a lógica afetiva se transforma, reposicionando os participantes e prevendo diferentes formas de concretizar o afeto. A depender de como cada indivíduo resolve esse conflito, as interações futuras sempre revelam resquícios de uma nostalgia pela sintonia primordial que foi cindida pela função paterna.

No romance, há um episódio que encena a primeira reação do pai, ao ver seu filho, após o nascimento. Na teoria psicanalítica, essa obviamente ainda não é fase para o surgimento do complexo de Édipo, mas a passagem ilustra algo que é recorrente no relacionamento pai e filho e que vai se intensificar ao longo do enredo:

‘Um fracote. Ele não se parece nada comigo. Ele poderia ser filho de qualquer um. Com quem você se prostituiu dessa vez?’, perguntou à mãe. Então ele me cheirou. ‘O menino realmente tem cheiro do seu nascimento.’ O agricultor me colocou em apuros, pois a partir de então o pai sempre dizia: ‘Você tem cheiro de seu nascimento’ quando queria mostrar o que pensava de mim e da minha vida” (FLORESCU, 2011, p. 128)<sup>6</sup>.

O que a figura paterna expressa no momento do nascimento de Jacob se repete por meio de palavras ou ações, no desenvolvimento da narrativa. O primeiro lexema dessa fala expressa seu desprezo. Como figura paterna, ele indica claramente que não reconhece atributos que possam pavimentar o

---

<sup>6</sup> “«Ein Schwächling. Er sieht mir gar nicht ähnlich. Er könnte jedermanns Kind sein. Mit wem haben Sie diesmal herumgehurt?», fragte er Mutter. Dann schnüffelte er an mir herum. «Der Junge riecht wirklich nach seiner Geburt.» Da hatte mir der Bauer etwas eingebrockt, denn fortan würde Vater immer sagen: «Du riechst nach deiner Geburt», wenn er zeigen wollte, was er von mir und meinem Leben hielt” (FLORESCU, 2011, p. 128).

---

caminho da identificação. Pelo contrário, já no início da relação pai e filho, ele estabelece a impossibilidade de qualquer investimento de afetividade positiva, afirmadora da existência do filho. Com isso, ele também impede que Jacob consiga transformar a imagem de rivalidade, que vai se assomar ao longo do complexo de Édipo, em potencial de obtenção de prazer e identificação.

Ao dizer que o filho tem cheiro de seu nascimento, ele remete ao fato de que ele nasce em meio a excrementos. A informação em si tem pouca importância, dada a impossibilidade de a mãe chegar a outro lugar para parir o filho. Mais importante que isso é o modo como a figura paterna utiliza essa informação para construir hierarquias e, sobretudo, delimitações do investimento afetivo. Ao negar seu respeito e amor, o pai repete o princípio de castração, mas não somente a partir do movimento inconsciente de cindir a união primordial entre mãe e filho, mas também de impedir o acesso a ele, como fonte de prazer e identificação.

Como indicado, esse modelo de interação retorna em outros episódios, recuperando resquícios do conflito originário e reforçando o movimento de castração:

‘Você não pode me impedir’, eu disse. Ele cerrou os dentes como se fosse me esmagar.

‘Como é que é?’ Ele agarrou meu queixo e empurrou a cabeça para trás. Eu me debati descontroladamente e fui capaz de me libertar de seu aperto. Ele retirou a mão surpreso, porque não esperava por isso. Com o cabo do chicote, ele agora me bateu no rosto, depois continuou com a mão.

‘Você não presta para nada, eu já sabia disso quando você nasceu. Você não se parece comigo, não temos nada em comum. Não importa quantas vezes eu olhe para você, não me reconheço em você. Você é mesmo meu filho? Entra, nós tratamos disso em casa’ (FLORESCU, 2011, p. 110)<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> “«Du kannst mich nicht davon abhalten», sagte ich. Er presste die Zähne aufeinander, wie um mich zu zermalmen.

«Wie war das? « Er packte meinen Kiefer und drückte den Kopf nach hinten. Ich schlug wild um mich und konnte mich von seinem Griff befreien. Er zog seine Hand erstaunt zurück, denn damit hatte er nicht gerechnet. Mit dem Peitschengriff schlug er mir jetzt ins Gesicht, dann fuhr er mit der Hand fort.

---

A cena estabelece a rivalidade, com um filho que não reconhece no pai um parceiro, mas sim um rival que impede seu acesso ao prazer. A figura paterna impõe sua lei, por meio da violência e silencia as tentativas filiais de manutenção de suas intenções. A castração afetiva ocorre em dois planos: no primeiro, ela ocorre por meio do uso da violência, perpassada por elementos afetivos hostis, para garantir a ordem paterna e a subserviência filial; no segundo, ela se dá pela reiteração do desprezo, reforçando que o filho não é digno de ser depositário de seu amor. Nesse horizonte, o conflito originário aflora, transformado numa cena do cotidiano que, num primeiro olhar, impede a construção de analogias com o conteúdo reprimido. A cena revela como a figura paterna impede a instauração da sensação de pertencimento, cindindo qualquer imagem que possa remeter ao princípio da união.

### 3 CASTRAÇÕES IDENTITÁRIAS

Na primeira fase da concretização existencial, a afetividade tem um papel fundamental no sentido de transportar sentidos. Num segundo momento, essa importância é compartilhada com as narrativas identitárias, isto é, as imagens do si construídas e negociadas pelo indivíduo. A figura paterna se destaca nisso, pois serve como modelo a ser emulado e que define, em grande medida, os parâmetros da construção identitária. A seção anterior já trouxe elementos para ilustrar como, no plano afetivo, a identificação é cindida, impedindo o filho de enxergar, no olhar paterno, um princípio de amor. Isso também vale para as tentativas de construir elos por meio da narrativa identitária. Com efeito, o pai retoma o princípio de imposição da lei paterna e

---

“«Du bist ein Nichtsnutz, das habe ich bei deiner Geburt gleich gewusst. Du bist nicht nach mir gekommen, wir haben nichts gemeinsam. Egal, wie oft ich dich anschau, ich erkenne mich nicht in dir. Bist du überhaupt mein Sohn? Steig ein, wir regeln das zu Hause.»” (FLORESCU, 2011, p. 110).

---

da ameaça de castração, como estratégia para concretizar as interações entre pai e filho:

Ao enfatizar a função civilizadora do pai, o complexo de Édipo consolida a significação psíquica e simbólica do paterno como representante do que Freud considerava ser a esfera inerentemente patriarcal da cultura. Mais especificamente, o complexo de Édipo define o papel principal do pai como romper a díade mãe-filho naturalizada e direcionar a criança para a cultura. De acordo com Freud, o recém-nascido se funde em uma união feliz com a mãe, simbolizada pela pura gratificação de ser amamentada. Esse estado idílico é caracterizado como fundamentalmente antissocial; um apego incestuoso fechado e introspectivo que exige a ruptura para a manutenção da sociedade. É apresentando-se como um rival irrefutavelmente poderoso e temido pelo amor da mãe que o pai instiga a ruptura crucial do vínculo exclusivo mãe-bebê ao inculcar a proibição cultural do incesto. A aparição do pai, assim, obriga a criança a alcançar uma identidade e consciência moral separadas, iniciando uma internalização de autoridade que é sinônimo de desenvolvimento do superego (FREEMAN, 2008, p. 119-120)<sup>8</sup>.

Freeman recupera os elementos centrais da teoria freudiana. Dessa discussão, destacam-se dois elementos: primeiro, o direcionamento para a cultura. No contexto da formação identitária, o indivíduo começa a formar um aparato moral a ser adotado nas interações, mas também passa a se inserir nas malhas simbólicas que caracterizam o espaço cultural em que se encontra. Segundo, a gênese do si prevê a cisão entre mãe e infante, de modo que tem início um processo de percepção do si como ente separado que precisa se posicionar no mundo. Essa função paterna não se restringe ao momento inicial da gênese do si, ela retorna, transformada e transposta, em diversas outras

---

<sup>8</sup> “In emphasizing the father’s civilizing function, the Oedipus complex consolidates the psychic and symbolic significance of the paternal as representative of what Freud deemed to be the inherently patriarchal sphere of culture. More specifically, the Oedipus complex defines the father’s principal role as disrupting the naturalized mother-child dyad and turning the child toward culture. According to Freud, the newborn infant is merged in a blissful union with the mother, epitomized by the pure gratification of being breast-fed. This idyllic state is characterized as fundamentally asocial; a closed and inward-looking incestuous attachment that requires breaking up for the maintenance of society. It is through presenting himself as an irrefutably powerful and feared rival for the mother’s love that the father instigates the crucial severance of the exclusive mother-infant bond by instilling the cultural prohibition of incest. The appearance of the father thus compels the child to achieve a separate identity and moral consciousness, initiating an internalization of authority that is synonymous with the development of the superego” (FREEMAN, 2008, p. 119-120).

---

situações ao longo da existência, sempre interpelando o sujeito a internalizar os imperativos da cultura e rever seu posicionamento identitário.

Em outras palavras, toda negociação de identidade reitera a dinâmica primordial da ruptura de uma imagem original (ou não) e do encontro com o questionamento que desencadeia transformações, produzindo uma oscilação entre a manutenção da união e o princípio da rivalidade. Nesse cenário, o projeto identitário não confirmado pelo interlocutor contém resquícios da dinâmica de castração. Não é por acaso que se busquem atores sociais que confirmem a narrativa de identidade, evitando aqueles que podem ameaçar a imagem instalada, com seus perigos de reposicionamento e exclusão. Claro está que isso também depende de como cada indivíduo processou o complexo e aprendeu a lidar com as ameaças da figura paterna.

Para o contexto do romance, a castração identitária se revela como uma constante, pois a figura paterna reitera, nas interações com seu filho, o princípio da negação daquilo que Jacob representa. Na verdade, o pai deseja identificar no filho as próprias habilidades. Em não reconhecendo que o filho se desenvolve à sua imagem, ele concretiza suas interações no marco do não reconhecimento:

Meu pai gradualmente desistiu de me ver como seu sucessor. Eu falhei no primeiro teste aos quatro anos de idade. Ele me colocou na sela de um dos nossos cavalos mais mancos, que durante toda a vida andou girando e girando as mós do velho moinho da aldeia [...] Eu tinha adormecido no lombo do cavalo com o balanço contínuo, como em um navio em alto mar. O cavalo parou e mastigou pacificamente os grãos em seu saco de ração. Foi assim que meu pai me encontrou. Essa foi a primeira vez que ele levantou a mão e me bateu na cabeça (FLORESCU, 2011, p. 183)<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> “Vater hatte es nach und nach aufgegeben, mich als seinen Nachfolger zu sehen. Die erste Probe hatte ich schon mit vier Jahren nicht bestanden. Er hatte mich in den Sattel eines unserer lahmsten Pferde gesetzt, das sich sein Leben lang im Kreis bewegt und die Mühlsteine der alten Dorfmühle angetrieben hatte [...] Ich war beim gleichmäßigen Schaukeln auf dem Pferderücken eingeschlafen, wie auf einem Schiff auf hoher See. Das Pferd war stehen geblieben und hatte friedlich an den Körnern in seinem Futtersack herumgekaut. So fand mich Vater vor. Damals hob er das erste Mal die Hand und schlug mir auf den Kopf” (FLORESCU, 2011, p. 183).

---

O uso da violência marca a rejeição, mas ela já tem início antes disso. Jacob, o filho, reconhece que seu pai não confia nele e em suas habilidades, deixando de investir no seu desenvolvimento. Esse primeiro exemplo se repete algumas vezes no enredo, com a figura paterna sempre buscando fazer o filho adquirir ou revelar as habilidades que ele próprio detém. Conseqüentemente, um elemento que caracteriza o percurso de Jacob é o fato de que seus ensaios identitários são alvo de castração ininterrupta, já no seio da família. O seu direcionamento para a cultura, com suas práticas simbólicas, não ocorre no princípio da descoberta de afinidades e afirmação do si. Seu ponto de partida parece sempre ser a necessidade de constatar se suas habilidades estão à altura das exigências paternas. Com o desbravamento cultural, em grande parte, atrelado ao crivo imposto pela figura paterna, a narrativa independente de identidade, em realidade, sempre se encontra atravessada pelas exigências da figura paterna.

Para que o pai se transforme em fonte de prazer e potencial de identificação, o filho precisa concretizar uma existência que tenha como norte a imagem do pai, sua lei e suas visões de mundo. Em não atendendo esses requisitos, Jacob se vê forçado a antecipar um movimento de castração que questiona seu ser. Isso também se revela no contexto macrossocial político do estado como figura paterna. Assim que Jacob deixa de se enquadrar naquilo que o estado almeja como desejável, ele se vê confrontado com rejeição e exclusão. Com isso, ele alimenta sentimentos ambivalentes em relação ao pai, mas sempre retornando na esperança de obter um afago identitário.

#### 4 CASTRAÇÃO EXISTENCIAL

Nessa última esfera da presença paterna e sua ameaça de castração, o conflito ocorre no plano de projeto existencial e da imaginação de futuro,



---

sobretudo, no que diz respeito ao vetor teleológico. A teoria psicanalítica e sua prática buscam compreender como elementos reprimidos, causadores de sofrimento, impactam na existência individual, tentando inserir os indícios que escapam aos mecanismos de defesa numa estrutura que define a organização do sentido existencial do indivíduo (NITZSCHKE, 2011, p. 172). Isso também vale para a problematização da compulsão à repetição, que define, em grande medida, algumas modalidades da concretização existencial (HIERDEIS, 2009, p. 282). Nesses diferentes vetores, a canalização da libido, a repressão, a compulsão à repetição representam diferentes estratégias que impactam no modo como o indivíduo, no fim, consegue pensar/sentir o vetor teleológico de seu ser no mundo.

O modo como cada sujeito encontra soluções para o complexo de Édipo também se revela aqui, pois a função paterna permanece ativa ao longo da existência, sempre podendo voltar em forma de questionamento e entrave no acesso direto ao prazer. Nas situações em que o sentido existencial se torna frágil, muito provavelmente há algum entrave que impede que o indivíduo experimente sua existência como saturada de sentido. Em sua discussão sobre a função paterna, Eizirik (2015) escreve:

A psicanálise, desde seus primórdios, tem lidado com diferentes formas de abordar e tentar descrever ou buscar sentido nos múltiplos aspectos da existência humana. Entre muitos desafios, aborda a figura complexa, um tanto misteriosa ou enigmática do pai, e sua influência vitalícia na vida de seus filhos e mesmo nas gerações subsequentes (EIZIRIK, 2015, p. 335)<sup>10</sup>.

O esforço da análise se concentra, conseqüentemente, em encontrar sentidos para os fenômenos múltiplos e dispersos que vêm a lume. Dessa

---

<sup>10</sup> “Psychoanalysis, since its beginning, has dealt with different ways of approaching and attempting to describe or search for meaning in the manifold aspects of human existence. Among many challenges, it tackles the complex, somehow mysterious or enigmatic figure of the father, and his lifelong influence on the life of his children and even on subsequent generations” (EIZIRIK, 2015, p. 335).

---

mesma perspectiva, parece ser possível perguntar como os fenômenos dispersos, como sedimentos da gênese do si, organizam o sentido existencial do indivíduo. Isso significa que o modo como cada sujeito tece sua narrativa teleológica está, de algum modo (e decerto não exclusivamente), atrelado à função paterna. Talvez o acesso ao sentido existencial sólido implique um conhecimento individual sobre como obter acesso a fontes de prazer alternativas, quando um caminho se encontra bloqueado, e um conhecimento individual sobre como processar as ameaças de castração, ideando estratégias para resolvê-las satisfatoriamente. Nisso, os primórdios do si deixam suas marcas.

O romance encena diferentes fases da relação pai e filho: a castração afetiva no início, a castração identitária na fase de apropriação de habilidades e ela volta mais tarde, quando Jacob deseja encontrar um rumo para sua existência, isto é, casar e ter seu lugar no mundo. Depois de ter sido traído pelo pai, que revela às autoridades do novo regime seu esconderijo, ter escapado do trabalho forçado e ter recuperado suas forças, Jacob sente falta do pai e deseja retornar à cidade de sua origem. Nesse bojo, ele relata:

Eu senti falta do meu pai como um pedaço da vida de alguém que não pode ser removido impunemente. Eu não sentia falta de seus modos imprevisíveis, que me assustavam mais do que seus socos. Mas eu sentia falta de sua força, daquela autoconfiança egoísta que eu também gostaria de ter tido. Aquela, que mesmo na situação mais desesperadora, o fez encontrar uma saída. Como me entregar (FLORESCU, 2011, p. 318)<sup>11</sup>.

A metáfora “pedaço da vida” remete à importância da figura paterna do horizonte existencial do filho, isto é, ele tem um lugar de destaque, embora

---

<sup>11</sup> “Ich vermisste Vater wie ein zum eigenen Leben dazugehörendes Stück, das man nicht ungestraft entfernen kann. Ich vermisste nicht seine unberechenbare Art, die mir mehr Angst gemacht hatte als seine Schläge. Aber ich vermisste seine Stärke, jene selbstbezogene Selbstsicherheit, die auch ich gern gehabt hätte. Die ihn sogar in der ausweglosesten Situation dazu gebracht hatte, doch einen Ausweg zu finden. Zum Beispiel, mich auszuliefern.” (FLORESCU, 2011, p. 318).

---

reiteradamente tenha rejeitado e traído o filho. A despeito de toda hostilidade com seus potenciais de castração, Jacob precisa voltar e acertar as contas com o pai. Concretamente, seu sentido existencial depende disso. O (eterno) retorno à figura paterna, nesse caso, também compreende um anseio por aquilo que ele admira e não tem: a “autoconfiança egoísta”, que afirma a existência e que garante o acesso ao prazer, sem pejos ou remorsos. Com isso, a figura paterna surge como representante de uma configuração teleológica existencial que se opõe àquilo que o filho pode ser. Sua volta parece ser a repetição da prova de pertencimento e, com isso, do desejo de ser aceito pelo pai para assim ter seu projeto de vida validado.

Ao lado desse anseio por preencher um vazio, um outro elemento acompanha sua concretização existencial, este igualmente marcado pelos sedimentos do passado, oriundos de sua interação com a figura paterna:

Por trás de cada rosto eu suspeitava um denunciante, embora os outros provavelmente estivessem tão assustados quanto eu. Todo mundo aqui era um possível denunciante para o outro. Se me sentisse despercebido, olhava para as pessoas e tinha a certeza de que dificilmente poderia contar com alguma delas (FLORESCU, 2011, p. 329)<sup>12</sup>.

Certamente, o clima político de perseguição contribui para a desconfiança que Jacob nutre por todos aqueles que o circundam. Ao mesmo tempo, contudo, isso também revela algo que ele internaliza na interação com a figura paterna, que o trai reiteradamente. Para a concretização existencial, isso significa que a confiança primordial se encontra abalada, de modo que toda interação social passa pelo crivo da desconfiança. Isso não impacta somente no modo como Jacob consegue construir relacionamentos pessoais, isso também define substancialmente as modalidades de obtenção de sentido existencial. Em

---

<sup>12</sup> “Hinter jedem Gesicht vermutete ich einen Denunzianten, obwohl sich die anderen womöglich genauso fürchteten wie ich. Jeder hier war für den anderen ein möglicher Denunziant. Wenn ich mich unbeobachtet fühlte, sah ich mir die Menschen an und war mir sicher, dass ich kaum noch auf einen von ihnen hätte zählen können” (FLORESCU, 2011, p. 329).

---

outras palavras, o acesso ao prazer que emerge da sensação de confiança permanece matizado pelos sedimentos da traição. O sentido existencial, claro, pode ser estabelecido, mesmo no marco da desconfiança, mas difere fortemente de uma experiência existencial fundamentada na confiança primordial. Nessa leitura, a inabilidade de poder confiar remete à dinâmica de castração, impactando na forma como o sentido da existência – confiança plena na vida e no si – se instala no sujeito.

Jacob volta para sua cidade natal e busca o reencontro com o pai. O tempo longe da família o transforma em homem, agora com o corpo e as habilidades admiradas pelo pai. Jacob volta para repetir a prova primordial, a fim de obter o reconhecimento paterno e poder alcançar um sentido existencial sólido, já não mais assombrado pelo passado. Ele já consegue vislumbrar uma nova existência, deixando a Romênia para trás e fazendo o percurso contrário de imigração, em direção à Lorena. Nesse horizonte, ele relata: “Agora, tão perto da despedida, eu conseguia imaginar cuidando desse homem que era meio estranho e meio familiar. Mesmo amá-lo” (FLORESCU, 2011, p. 380)<sup>13</sup>. Decidir amar, como indica o título do romance, significa apostar na confiança como forma de acesso ao prazer. Ainda nessa linha, confiança, de certo modo, significaria não identificar mais a figura paterna como inimigo, mas sim como parceiro, disposto a servir como fonte de prazer. O que, de fato, ocorre, contudo, é a repetição da traição. O pai impede que o filho imigre e ambos vão parar em terras inóspitas, em decorrência de uma nova deportação pelas autoridades. Com isso, o sentido existencial vislumbrado pelo filho também se torna alvo de cisão, por parte da figura paterna. Depois da castração afetiva e identitária, ela também recai sobre o sentido existencial.

---

<sup>13</sup> “Jetzt, so kurz vor dem Abschied, konnte ich mir vorstellen, mich um jenen Mann, der mir halb fremd und halb vertraut war, zu kümmern” (FLORESCU, 2011, p. 380).

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como personagem literária, a figura paterna ressurgue com frequência, desencadeando conflitos e negociações. Seus potenciais de sentido como elemento literário, certamente, não se restringem às dinâmicas de cunho psicanalítico expostas aqui. Esses vetores, no entanto, parecem apresentar alguma recorrência no modo como personagens paternas são ideadas. Um ponto de partida para a análise dessas personagens pode ser o modo como união e rivalidade são construídas, problematizando, com isso, anseios de experiências primordiais. A gênese do si está diretamente atrelada a um posicionamento diante do complexo de Édipo e a forma como cada sujeito resolve esse dilema reverbera sobre suas ações e comportamentos. A identificação dos mecanismos de transferência e repetição dessa narrativa primordial, inscritos no texto literário em forma de transposições, analogias, etc, conseqüentemente permite diferenciar a personagem paterna e discutir dimensões do enredo que permanecem encobertas, ao menos, num primeiro plano.

Nesse cenário, o princípio da castração e seu processamento se destacam na construção dessa personagem. Assim, a análise desse eixo de produção de sentidos aprofunda a discussão sobre dinâmicas entre personagens, problematizando as incursões contra o acesso ao prazer, por um lado, e diferenciando as estratégias de resistência à função paterna, por outro. Neste artigo, foram identificadas três esferas (afetiva, identitária e existencial), em que esse conflito se expõe. Ele, contudo, não se limita a elas. Cada sujeito resolve o conflito primordial de sua forma e em contextos específicos. Textos literários reverberam essa complexidade, não uniformizando a figura ou a função paterna, mas adumbrando as múltiplas formas desse fenômeno. Um interesse de pesquisa voltado para a figuração literária de personagens ou funções

---

paternas, portanto, sempre contém um esforço de compreensão de sua complexidade.

## REFERÊNCIAS

BERGMANN, Martin S. The Oedipus Complex and Psychoanalytic Technique. *Psychoanalytic Inquiry*, v. 30, n. 6, p. 535-540, 2010.

EIZIRIK, Cláudio Laks. The Father, the Father Function, the Father Principle: Some Contemporary Psychoanalytic Developments. *The Psychoanalytic Quarterly*, v. 84, n. 2, p. 335-350, 2015.

FLORESCU, Catalin Dorian. *Jacob beschließt zu lieben*. München: C. H. Beck, 2011.

FREEMAN, Tabitha. Psychoanalytic Concepts of Fatherhood: Patriarchal Paradoxes and the Presence of an Absent Authority. *Studies in Gender and Sexuality*, v. 9, n. 2, p. 113-139, 2008.

HARTKE, Raul. The Oedipus complex: A confrontation at the central crossroads of psychoanalysis. *The International Journal of Psychoanalysis*, v. 97, p. 893-913, 2016.

HIERDEIS, Helmwart. Zwanghafte Wiederholung und Wiederholungszwang. Psychoanalytische und kulturtheoretische Aspekte. In: HELLER, Hartmut (ed.). *Wiederholungen. Von Wellengängen und Reprisen in der Kulturentwicklung*. Wien: Lit Verlag, 2009, p. 278-298.

LOEWALD, Hans W. Reflections on the Oedipus Complex: Oedipus Complex and Development of Self. *The Psychoanalytic Quarterly*, v. 4, n. 3, p. 435-443, 1985.

NITZSCHKE, Bernd (ed.). *Die Psychoanalyse Sigmund Freuds. Konzepte und Begriffe*. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2011.

TEZZA, Cristóvão. *O Filho Eterno*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

TREVISAN, João Silvério. *Pai, pai*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 23 de fevereiro de 2022.

Aprovado em sistema duplo cego em: 03 de agosto de 2022.